

Daniela A. Ferreira¹

Scott J. Allen²

Um olhar arqueológico sobre as paisagens industriais de Fordlândia e Belterra na Amazônia paraense*

RESUMO

Fordlândia e Belterra são duas cidades operárias que compartilham a experiência de terem sido gerenciadas pela Ford Motor Company (1927-1945) e, como consequência, sustentam laços únicos que as fazem ser vistas, muitas vezes, como um empreendimento só. Apesar disso, se trata de duas áreas industriais com elementos particulares que evidenciam que cada uma delas vivenciou situações específicas e que se refletiram nas relações, memórias e projetos diferentes. Neste artigo buscamos, por meio de um olhar arqueológico histórico, perceber as diferenças entre as paisagens dessas áreas, de forma a melhor compreender como a ideologia capitalista teria sido transformada, negociada, assimilada ou negada, visando a manutenção do modo de vida fordista nos dois locais.

PALAVRAS-CHAVE: Fordlândia; Belterra; Arqueologia do capitalismo; Paisagem; Companhia Ford.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife-PE, Brasil. Arqueóloga na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Belém-PA, Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1451-2037>.

E-mail: ferreiraapdaniela@gmail.com.

² PhD em antropologia pela Brown University, com pós-doutorado em geofísica arqueológica pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor titular no Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife-PE, Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1382-2746>.

E-mail: scott.allen@ufpe.br.

*Este artigo foi escrito com o objetivo de apresentar parte das reflexões provocadas durante os levantamentos exploratórios realizados in loco entre 2019 e 2022 em Fordlândia e Belterra, estado do Pará, para a tese de doutorado a ser defendida pela autora, sob orientação do coautor, no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco.

An archaeological look at the industrial landscapes of Fordlândia and Belterra in the Pará Amazon

ABSTRACT

Fordlandia and Belterra are two company towns that share the experience of having been founded and managed by the Ford Motor Company [1927-1945] creating a relationship that causes them to be seen often as a single enterprise. Nonetheless, they are two industrial areas with particular and individual characteristics, each with its own specific contexts that are reflected in social relations, memory and distinct projects, In this article we seek, through a historical archaeological perspective, to perceive the differences between the landscapes of these towns in order to better understand how capitalist ideology would have been transformed, negotiated, assimilated or denied, aiming at maintaining the Fordist way of life in both places.

KEYWORDS: Fordlandia; Belterra; Archaeology of Capitalism; Landscape; Ford Motor Company.

Una mirada arqueológica a los paisajes industriales de Fordlândia y Belterra, en la Amazonia Paranaense

RESUMEN

Fordlândia y Belterra son dos ciudades obreras que comparten la experiencia de haber sido dirigidas por la Compañía Ford [1927-1945] y mantienen lazos únicos que los hacen muchas veces vistos como un solo proyecto empresarial. Sin embargo, se trata de dos áreas industriales con elementos únicos que muestran que cada una de ellas vivió situaciones específicas que se reflejaron en las relaciones, memorias y diferentes proyectos. En este artículo buscamos, a través de una mirada arqueológica histórica, percibir las diferencias entre los paisajes de estas villas de manera de entender mejor cómo la ideología capitalista habría sido transformada, negociada, asimilada o negada, con el objetivo de mantener el modo de vida fordista en ambos lugares.

PALABRAS CLAVE: Fordlandia; Belterra; Arqueología del Capitalismo; Paisaje; Compañía Ford.

Introdução

No final da década de 1920, trabalhadores de confiança da Ford Motor Company partiram para o Brasil desde Detroit, nos Estados Unidos, com destino a até então denominada “Vila de Boa Vista”, localizada no estado do Pará. Lá foi iniciada a construção do primeiro projeto de cidade operária da empresa na região do baixo rio Tapajós, que, em homenagem ao patriarca da companhia, foi batizada como Fordlândia.

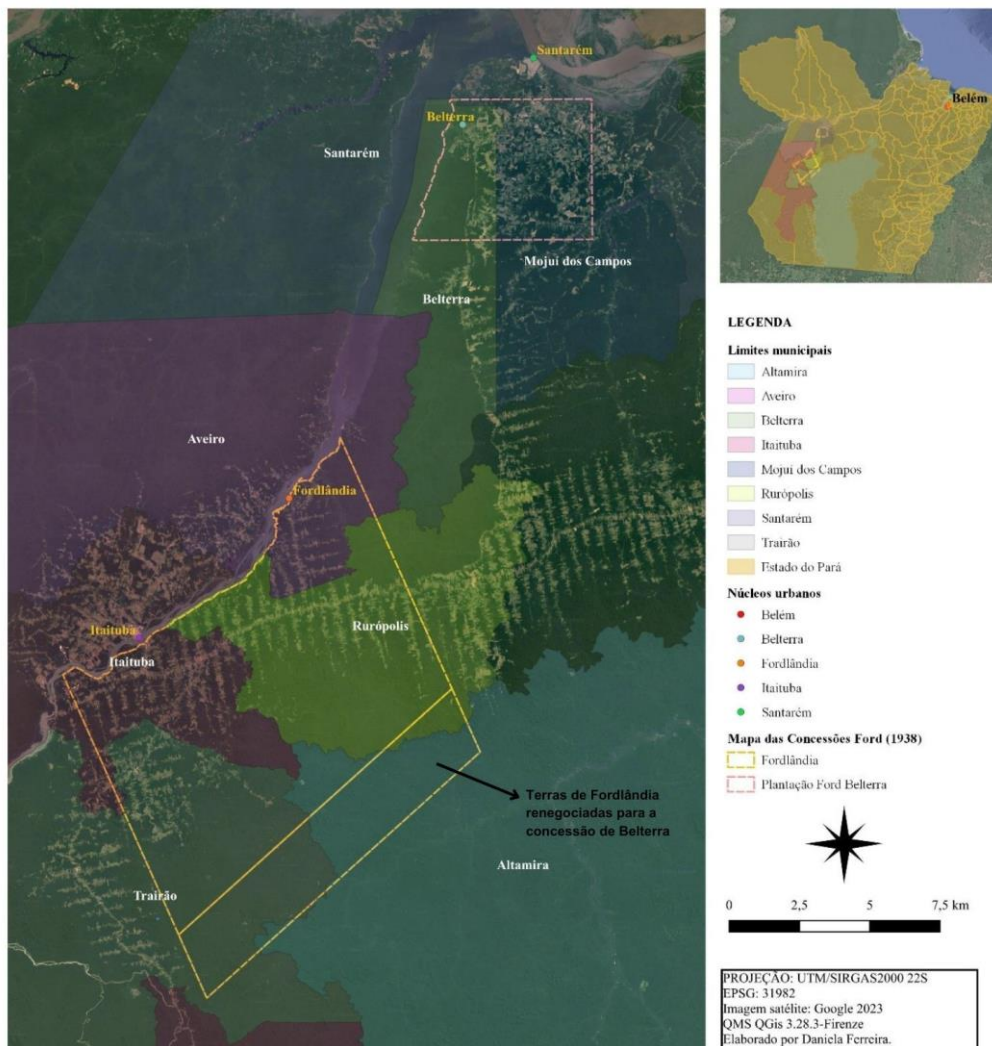
Para a implantação de Fordlândia, o governo brasileiro negociou com a empresa uma área que compreendia o que hoje corresponde a parte dos municípios de Aveiro, Altamira, Itaituba, Rurópolis e Trairão. O projeto contemplava as vilas direcionadas à classe operária e as principais estruturas industriais estão localizadas na área que hoje corresponde ao distrito de Fordlândia, inserido exclusivamente no município de Aveiro.

Fordlândia deveria abrigar uma “plantação industrial” e foi inspirada em um ideal de sociedade projetado por Ford. Dentro da estrutura da empresa, o empreendimento contribuiria para a diminuição dos custos associados à montagem dos automóveis a partir do controle da produção de borracha natural (Amorim, 1995; Costa, 1981; Grandin, 2010).

No decorrer da década de 1930, diante de uma plantação que não produzia a quantidade de borracha esperada, uma pequena parte das terras cedidas para a implantação de Fordlândia foi trocada em prol de uma nova área localizada mais ao norte, já no município de Santarém, em uma localidade conhecida como Bellaterra³ (Grandin, 2010), hoje Belterra. Lá, a Companhia Ford permaneceu, juntamente com Fordlândia, até 1945, quando renegociou com o governo brasileiro a devolução de todas as terras até então concedidas (Figura 1).

³ Entre as informações relacionadas à escolha do local onde foi instalada Belterra, consta a indicação sobre a existência de terra preta (Grandin, 2010). Ao observarmos o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN, constatou-se que no município de Belterra existem 54 sítios arqueológicos, todos eles com indicação sobre a evidência de Terra Preta Arqueológica.

Figura 1 – Projeção georreferenciada das áreas correspondentes às concessões de Fordlândia (poligonal ao sul) e Belterra (poligonal ao norte)



Fonte: Daniela Ferreira, a partir de Companhia Ford Industrial do Brasil (CFIB, 1934).

Passados quase oitenta anos da saída da Ford da região, no início de 2022 um museu recém-inaugurado em Belterra recebeu a visita de uma figura política do estado do Pará que, na ocasião, postou um texto em sua rede social apresentando o projeto cultural e turístico. Para contextualizar seu público, iniciou: “Sabe a famosa Fordlândia? Aqui em #belterra foi construída uma cidade operária, para abrigar os trabalhadores da fábrica agroindustrial, focada na extração da seringa para produção de automóveis de Henry Ford”. No vídeo associado ao

texto, se corrigiu: “Você já ouviu falar de Fordlândia?... Nós estamos aqui na Vila Americana que fica na cidade de Belterra. Fordlândia fica em Aveiro”.⁴

Regressando ao período de gestão da Companhia Ford na região, para tratar da viagem do então presidente da República, Getúlio Vargas, pela Região Norte do país, o *Jornal do Commercio* (Amazonas) de 9 de outubro de 1940 publicou a seguinte sequência:

Decollarão hoje, da **Fordlandia**, ás primeiras horas da manhã, em caminho de nossa capital, os dois aviões em que viajam o presidente Getulio Vargas e sua comitiva.

O interventor federal recebeu os seguintes radios:

— Belem 7-10-1940 — Urgente Doutor Alvaro Maia interventor federal Manãos, Am — Partiremos amanhã sete horas para **Belterra** seguindo dia seguinte nove para Manãos onde deveremos chegar onze e meia horas permanecendo ahi até o dia onze e viajando sete horas mesmo dia para Porto Velho.

— Belem 7-10-1940 — Est [não identificado] interventor Alvaro Maia Manãos Am — Confirmando telegramma anterior informo presidente seguirá amanhã **Fordlandia** devendo chegar meio dia proseguindo manhã Manãos quarta-feita antes sexta Porto Velho. Abraços (a) Abelardo Conduru (“Decollarão hoje”, 1940).

Especificando que, no ano de 1940, o presidente Getúlio Vargas esteve em Belterra, e retomando o episódio ocorrido em 2022, nos parece possível inferir que as experiências vivenciadas pelas duas figuras políticas citadas refletem o que também é verificável no imaginário popular: Fordlândia e Belterra ocuparam e, por vezes, ainda ocupam um mesmo espaço, compartilhando uma mesma paisagem, sendo Belterra inserida em Fordlândia, ou, alternativamente, as duas sustentariam uma correlação, na qual a existência de uma estaria conectada e poderia ser mais bem compreendida a partir da outra.

Por estarem geograficamente próximas e por terem sido

⁴ O vídeo pode ser visualizado na página do Instagram da então Secretária de Cultura do Estado do Pará, Úrsula Vidal (postagem realizada em 17/02/2022 – link: <https://www.instagram.com/reel/CaF-7G0ghaL/?igsh=NW5oa3A5NjB0aGpi>).

gerenciadas pela Ford por um determinado período no passado recente, é certo que em Fordlândia e Belterra houver experiências que possivelmente foram vivenciadas de forma similar e, no mesmo sentido, as duas cidades operárias acabaram por guardar entre si características materiais que ainda as fazem ser vistas, muitas vezes, como um projeto único.

Todavia, em uma visita rápida, num passeio a pé realizado por nós no ano de 2019 por Belterra e Fordlândia (Aveiro), chamaram a atenção as diferenças observadas, que nos levaram a questionar como o ideal de uma mesma empresa que atuou em duas localidades tão próximas, e muitas vezes vistas sob os véus de um mesmo projeto, resultaram em paisagens tão distintas.

Nesse sentido, como objetivo para este artigo, buscamos perceber as diferenças e as características particulares de cada uma das cidades operárias. Partimos da premissa de que, mesmo sob a gerência da mesma empresa e no mesmo período, as duas cidades industriais apresentam elementos singulares que testemunham que em cada uma delas foram vivenciadas experiências particulares que refletiram relações, memórias e paisagens distintas, ou seja, projetos diferentes.

Fordlândia e Belterra como dois projetos

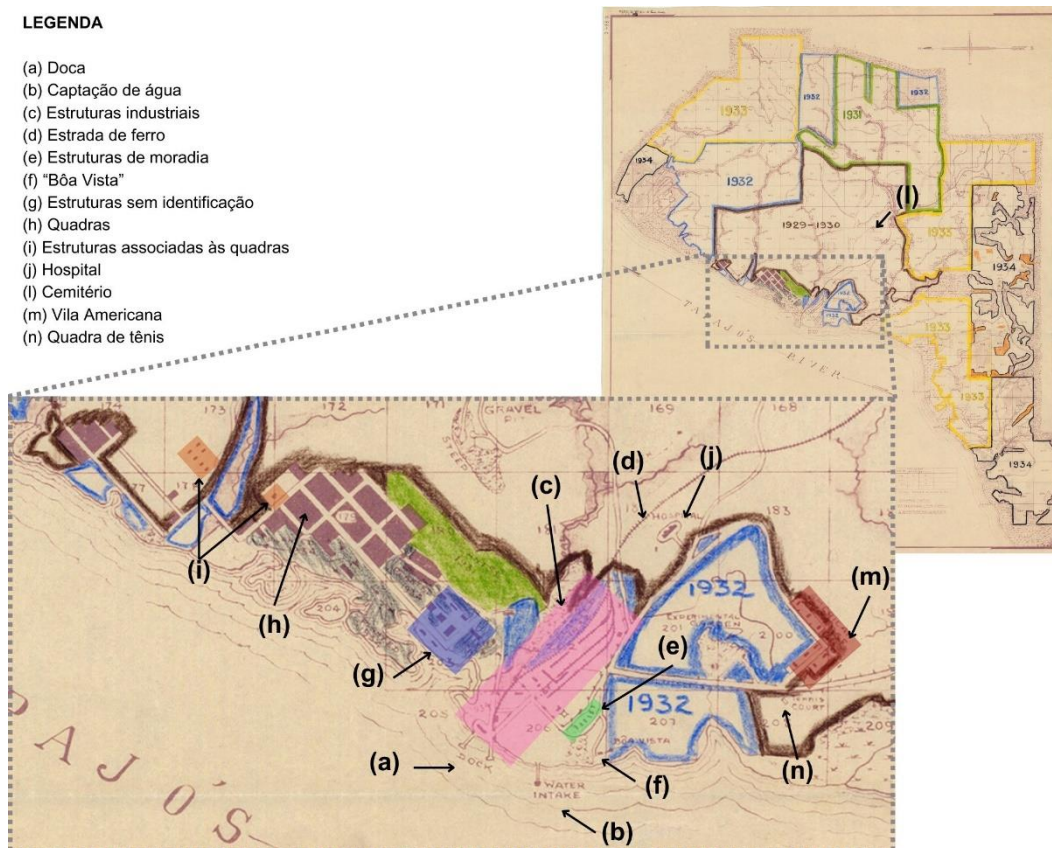
Terra à (Bôa) vista, Fordlândia

No mapa da Companhia Ford, as informações em inglês estão datadas entre 1934 e 1936 (Figura 2). Nele, é possível observar a organização minuciosa de parte da concessão em 256 quadrículas. Na entrada, desde o "Tapajós River", localizam-se a doca (a)⁵ e a construção utilizada para captação de água (b). A primeira construção,

⁵ A sequência de letras objetiva a identificação espacial das estruturas descritas no parágrafo e que podem ser visualizadas na Figura 2.

logo ao lado da doca, direciona para outras oito edificações (c), atravessadas por quatro linhas, que se conectam em uma, que, por sua vez, avança pelo mapa adentro, sendo identificada como estrada de ferro (d). Seis outras estruturas estão visíveis pelo lado direito (e), e na mesma direção, novamente às margens do rio, uma única estrutura com a indicação "BÔA VISTA" (f). Do lado esquerdo, há um conjunto com nove estruturas, contudo sem identificação (g). Além destas, também sem identificação há 21 quadras destacadas (h), no entanto com apenas sete estruturas detalhadas (i). O hospital (j), o cemitério (l) e a Vila Americana (m) estão devidamente localizados, e uma estrutura do outro lado da via é descrita como "quadra de tênis" (n). Fora do núcleo urbanizado, a tabela descritiva (Figura 3) indica que, no campo, havia 71 casas para 106 famílias, e quatro barracões para 206 homens. Dessas construções, 24 eram em palha.

Figura 2 – Mapa de Fordlândia, 1936, adaptado do original, com destaque para as estruturas identificadas

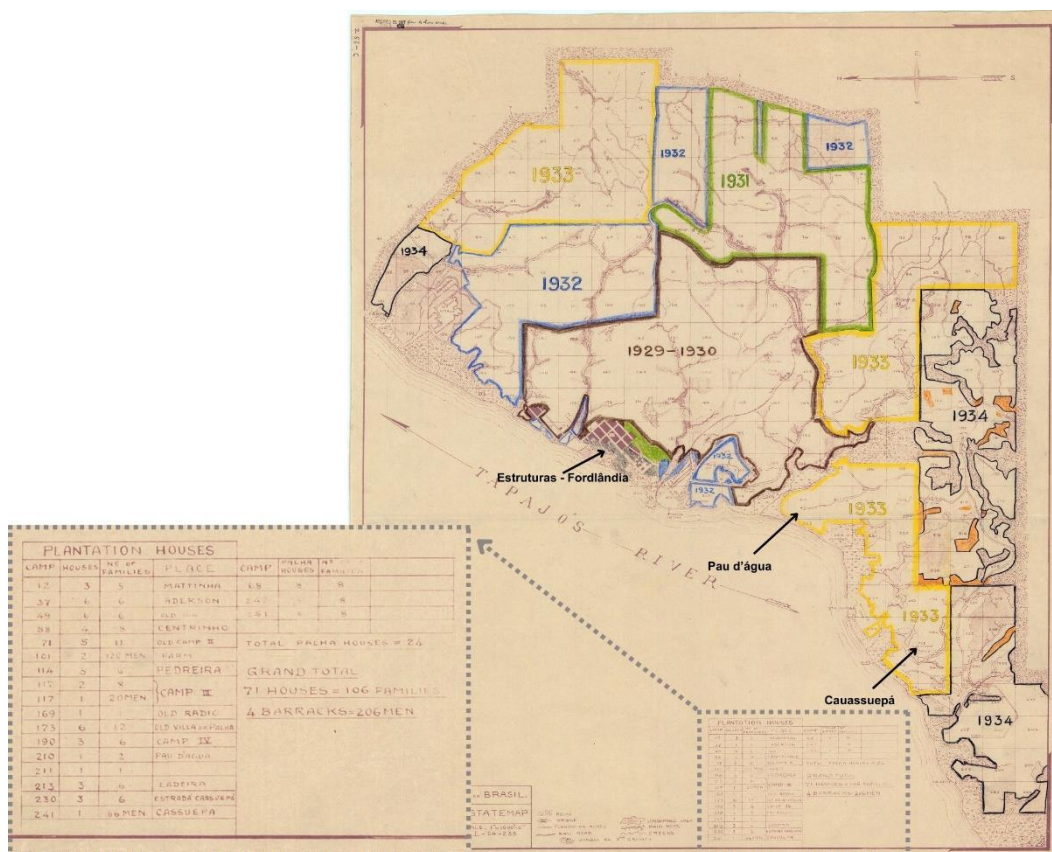


Fonte: CFIB (1936).

Marcações coloridas à lápis na Figura 3 fazem referência aos anos específicos, mas sem detalhamento sobre o que exatamente é o aparente "avanço" pelo terreno: marrom (1929-1930); verde (1931); azul (1932); amarelo (1933); e preto (1934).

Várias outras observações podem ser verificadas: indicação de viveiros, bananal, características de relevo, igarapés, e povoados vizinhos – todas informações concentradas na mesma margem do rio (Figura 3).

Figura 3 – Mapa de Fordlândia, 1936



Fonte: CFIB (1936)

Em um dos primeiros relatos sobre Fordlândia, o general Cândido Mariano da Silva Rondon, então chefe do Serviço de Inspeção de Fronteiras do Ministério da Guerra, se dirigiu à vila, no ano de 1929, com o objetivo de “certificar-se do que de verdade havia sobre os trabalhos de Ford”. Ao relatar sobre a sua chegada, descreveu uma “ponte improvisada mas de muita solidez”, que o levou em sequência para os locais de alojamento dos trabalhadores, detalhados como “galpões, vastos e higienicos”⁶ e que dispunham do “conforto aos mil e tantos homens que abrigam” (“Fala-nos sobre a Fordlandia”, 1929).

Quanto aos registros fotográficos realizados na viagem de Rondon

⁶ A localização de todas as estruturas identificadas no texto que segue pode ser visualizada na Figura 4.

e divulgados no relatório da missão, o setor industrial foi priorizado. Nas fotografias, tiradas de planos opostos, é possível verificar a serraria em destaque, edifício imponente em meio ao canteiro de obras em que a área ainda se encontrava. Em uma delas, com olhar pela parte de trás da serraria, as demais edificações do setor se mostram do lado direito, além das seis construções identificadas como “residência das gerências” (“Fala-nos sobre a Fordlandia”, 1929).

Além da serraria, a área industrial era formada pela casa de força, estufa, estação de tratamento de água, oficinas e pelos laboratórios químicos (Costa, 1981; Grandin, 2010; WGN, 1932).

Posicionada entre a área industrial e os lotes onde foram construídas as moradias, a área comercial, de serviços e lazer era formada por nove edificações, sendo duas delas localizadas às margens do Tapajós, seis na quadra seguinte e um edifício do outro lado da via.

As estruturas localizadas na área comercial, de serviços e lazer foram identificadas como sendo três clubes, cinema, restaurante e quatro alojamentos para trabalhadores solteiros do sexo masculino (CFIB, 1936; Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia [Fidesa] & Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN], 2010).

Na descrição de WGN (1932) consta ainda uma fábrica de gelo que, de acordo com uma informação dos moradores, estava localizada junto ao restaurante.

No ano de 1933, havia doze alojamentos para os trabalhadores solteiros. Para a moradia das famílias existiam dezenove quadras residenciais, localizadas em área contígua ao setor comercial e de serviços, além de uma quadra ao lado do setor industrial, e a Vila Americana, destinada exclusivamente aos trabalhadores da Companhia Ford dos Estados Unidos (Costa, 1981).

Até maio de 1933, haviam sido construídas 155 casas, divididas em: 104 casas com dois aposentos para trabalhadores; três casas com três aposentos para trabalhadores; dez casas com dois aposentos e

uma casa de cinco aposentos para os capatazes; 32 casas com três aposentos para funcionários e elementos brasileiros do "staff"; e cinco casas com entre cinco e seis aposentos na Vila Americana (Costa, 1981).

No levantamento da Fidesa, foram apresentados onze tipos de plantas arquitetônicas dentre as edificações, correspondentes às moradias identificadas na época do levantamento, e que teriam preservado as características das construções da Ford (Fidesa & IPHAN, 2010).⁷

Para esse levantamento, as moradias foram setorizadas em quatro vilas, a partir da hierarquia verificada entre a classe operária: a Vila Democrata, que corresponde ao conjunto de seis casas da gerência localizadas ao sul do setor industrial; a Vila Operária, localizada entre o setor comercial, de serviços e a escola, abrigava o maior conjunto de moradias e nela foram verificadas quatro plantas arquitetônicas diferentes, sendo duas direcionadas aos trabalhadores mais bem remunerados. Nessa vila, subdividida em duas, habitavam os trabalhadores do hospital e do escritório em uma área, e os trabalhadores com cargos mais baixos em outra; a Vila dos Trabalhadores do Campo, localizada em lotes isolados na porção norte da cidade operária, na qual foram verificadas quatro plantas arquitetônicas; e a Vila Americana, como já descrito, direcionada aos trabalhadores da Companhia Ford enviados desde os Estados Unidos, na qual foram verificados três tipos de plantas arquitetônicas (Fidesa- Iphan, 2010).

Buscando fazer uma aproximação entre o levantamento Fidesa-IPHAN (2010) e a descrição publicada por Costa (1981), se considerarmos como aposentos apenas os cômodos com as funções definidas por sala, quartos e cozinha, é possível observar que as plantas desenhadas da Vila Operária teriam entre três e quatro

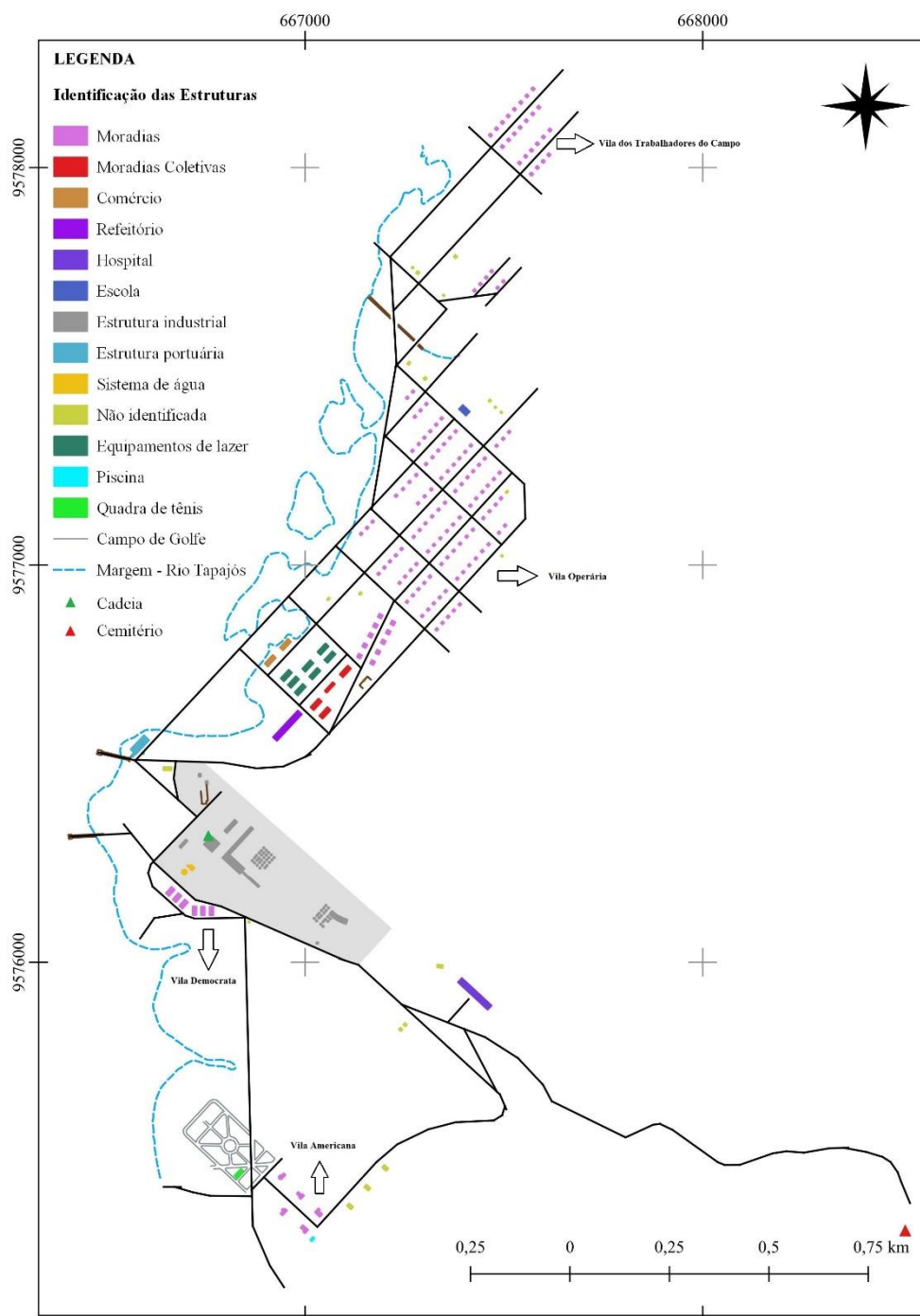
⁷ Quatro plantas arquitetônicas, dos tipos A, D, H e I, podem ser visualizadas na Figura 10 a partir das imagens (d), (c), (a) e (b), respectivamente.

apostos; as casas da Vila dos Trabalhadores do Campo teriam quatro aposentos, contudo em diferentes configurações; e a Vila Americana contaria com cinco e seis aposentos — não havendo, nesse documento, plantas desenhadas com a indicação de dois cômodos.

Localizado entre o setor industrial e a Vila Americana, o hospital tinha capacidade para 125 leitos e, quanto à estrutura física da escola construída pela Ford, em 1931 havia uma escola com capacidade para duzentos alunos. Em 1935 a escola, agora denominada “Henry Ford”, tinha capacidade para 234 alunos⁸ (Costa, 1981).

⁸ Para mais informações sobre a história das instituições de ensino da Ford na região do Tapajós e a análise sobre a aplicação dos ideais da companhia nesse contexto, consultar Pereira (2016).

Figura 4 – Mapa das estruturas relacionadas ao período de administração da Companhia Ford, Fordlândia



Fonte: elaborado pelos autores.

Um olhar arqueológico sobre as paisagens industriais de Fordlândia e Belterra na Amazônia paraense

Em Belterra a terra (preta) é boa para plantar

Atravessando ainda sob o olhar descritivo, o mapa desenhado pela Companhia Ford Industrial do Brasil (Figura 5) apresenta dados da concessão entre 1934 e 1938 em 837 quadrículas.

O rio Tapajós, desenhado em linha que cruza o documento com detalhes sombreados de azul, é via de acesso para os povoados localizados nas margens, dentre eles Pindobal (a),⁹ Irozanga (b), Sumaúma (c) (onde é possível ver quatro quadrículas menores — talvez estruturas, quando comparadas ao mapa já observado de Fordlândia), Cajutuba (d) (com oito das quadrículas) e Aramanaí (e) (com nove quadrículas a mais).

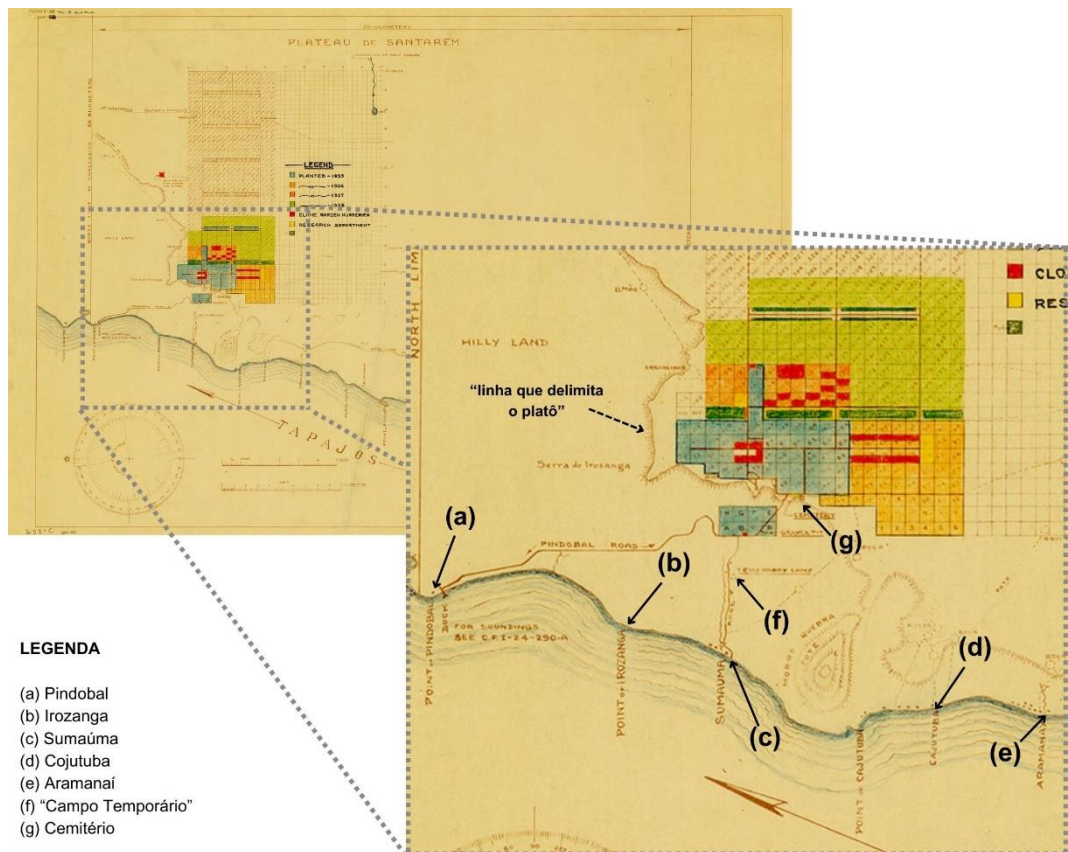
Destes, Pindobal e Sumaúma estão diretamente ligados às quadrículas marcadas a partir de estradas desenhadas. Paralela ao rio, observa-se a linha que delimita o platô e margeia as quadrículas (seta pontilhada, ver Figura 5). Fora da área das quadrículas, próximo à estrada de Sumaúma, uma marcação indica “Campo Temporário” (f). Na parte inferior da quadrícula 34, observa-se a indicação de um cemitério (g).

Do conjunto de quadrículas desenhadas, algumas linhas em marrom se destacam a partir de uma espessura intensificada, iniciando em traço fechado para se mostrarem posteriormente tracejadas.

Os quadrinhos ganham cores em consideração ao avanço da plantação, conforme legenda: azul, plantadas em 1935; laranja-claro, plantadas em 1936; laranja-escuro, plantadas em 1937, verde-claro, plantadas em 1938; vermelho, para os viveiros de clone; amarelo, departamento de pesquisa; e verde-escuro, sem indicação do que se trata. No mapa descrito, nota-se que o foco é a plantação.

⁹ A sequência de letras objetiva a identificação espacial das estruturas descritas no parágrafo e que podem ser visualizadas no mapa disponibilizado na Figura 5.

Figura 5 – Mapa do platô onde foi instalada Belterra



Fonte: CFIB (1938).

Em Costa (1981), consta que em 1940 havia em Belterra 844 casas construídas para trabalhadores casados, sendo 758 de palha.¹⁰ Para os trabalhadores solteiros, havia quinze alojamentos, dentre os quais oito eram de palha, cinco casas na Vila Americana e duas casas construídas na proximidade do hospital para servirem de moradia para os médicos. Costa descreve ainda que dezessete casas serviam de moradia para "membros brasileiros do Staff" e que um dos alojamentos era direcionado para esses trabalhadores (1981, p. 199).

Já no levantamento Fidesa-IPHAN (2010), foram identificados dez tipos de plantas arquitetônicas dentre as edificações utilizadas como

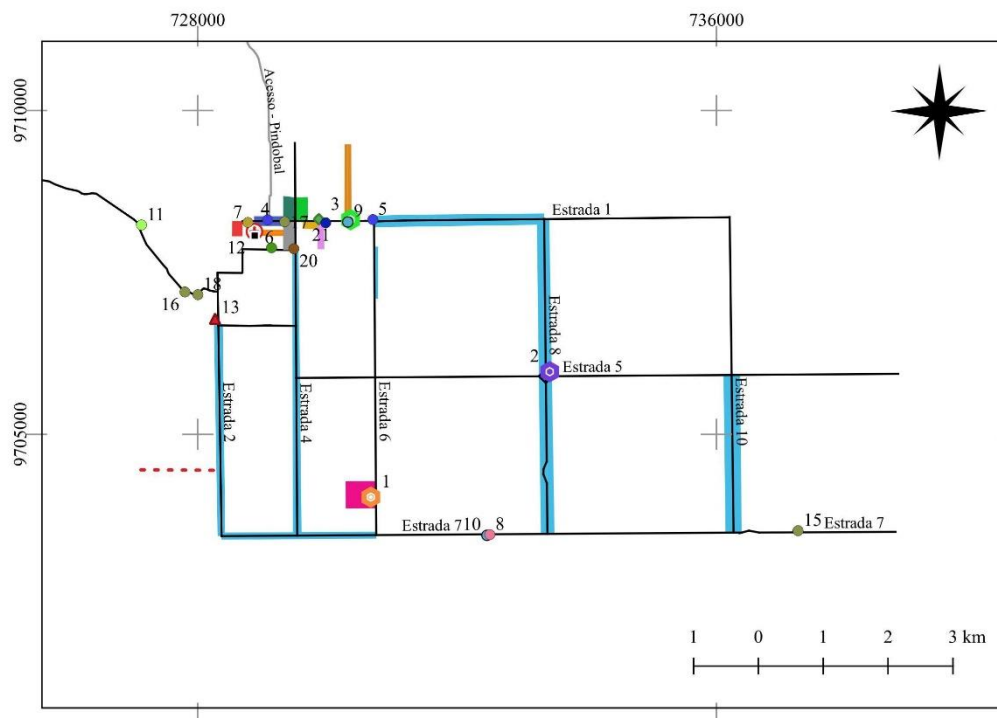
¹⁰ A localização de todas as estruturas identificadas no texto que segue pode ser visualizada na Figura 6

moradias existentes na época do levantamento, e que teriam preservado as características das construções da Ford: Tipo A – com varanda, quatro aposentos¹¹ e banheiro interno – sem corredor interno; Tipo B – com varanda e quatro aposentos – banheiro externo e sem corredor interno; Tipo C – com duas varandas, cinco aposentos, banheiros e corredor na área interna; Casa Um – com seis aposentos; Tipo D – com varanda, cinco aposentos, banheiro e corredor na área interna; Tipo E – com varanda, quatro aposentos, banheiro e corredor na área interna; Tipo F – com três aposentos – banheiro na área externa; Tipo G – com quatro aposentos – banheiro na área externa; Tipo H – com varanda, quatro aposentos – banheiro na área externa; e, Tipo I – casas geminadas com três aposentos – banheiro na área externa.

Para o referido levantamento, as moradias foram setorizadas em quatro vilas a partir da hierarquia, e as funções verificadas entre a classe operária: a Vila Americana, que, assim como em Fordlândia, era direcionada aos trabalhadores da companhia Ford enviados desde os Estados Unidos, e onde foram verificadas as plantas Tipos A, B, C e “Casa Um”; a Vila Mensalista, localizada ao lado da Vila Americana, onde foram verificadas moradias com plantas dos Tipos D e E; a Vila Timbó, onde residia parte dos trabalhadores do hospital, apresentando moradias dos Tipos F e G; a Vila Operária, com plantas arquitetônicas dos Tipos F, G e H; a Vila Viveiros I, II e III, onde foram identificadas casas com plantas arquitetônicas dos Tipos A, F e I; e a Vila 129, onde foram identificadas casas com planta arquitetônica do Tipo I.

¹¹ O termo “aposentos”, utilizado neste trecho, está em alinhamento com a tentativa de aproximação da descrição das moradias apresentadas por Costa (1981), e já utilizadas no detalhamento das construções de Fordlândia (ver o subtópico denominado *Terra à [Bôa] vista, Fordlândia*).

Figura 6 – Mapa das estruturas relacionadas ao período de administração da Companhia Ford, Belterra



LEGENDA

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> 1 - Escola Benson Ford 2 - Escola Edsel Ford 3 - Escola Henry Ford 4 e 5 - Alojamento - Trabalhadores solteiros 6 - Depósito de mercadorias 7 - Escritório - Administração 8 - Estrutura auxiliar- atendimento 9 e 10 - Caixa d'água 11 - Reservatório de água 12 - Hospital 13 - Cemitério 14 - Necrotério 15 a 18 - Guarita 19 - Açougue 20 - Estrutura auxiliar - serviços 21 - Cinema | <ul style="list-style-type: none"> Área Industrial Campo de Golfe Casas de palha Vila Piquiá- seringueiros e campeiros Vila 129 Vila Americana Vila Mensalista Vila Operária (Mecânicos, Marceneiros, Pedreiros, Carpinteiros) Vila Timbó - trabalhadores do hospital Vila Viveiros 1 e 2 Área comercial Pista de pouso Acesso - Pindobal Acesso - Porto Novo |
|--|---|

Fonte: elaborado pelos autores, a partir de Pereira (2012, p. 99); Fidesa-IPHAN (2010) e dados de levantamento realizado *in loco*.

A "Paisagem industrial": um olhar arqueológico

Desde muito antes da instalação de Fordlândia e Belterra, o fordismo já se apresentava como um sistema/modelo organizacional.

Um olhar arqueológico sobre as paisagens industriais de Fordlândia e Belterra na Amazônia paraense

As estratégias utilizadas tiveram o objetivo de recrutar e estabilizar a mão de obra, disciplinar a produção, alienar a auto-organização do trabalho e, com isso, neutralizar possíveis organizações da classe trabalhadora e, conseqüentemente, a movimentação sindical (Tenório, 2011).

Little (1994), ao elaborar um ensaio sobre o desenvolvimento da pesquisa arqueológica em contextos pós-coloniais sob a influência do sistema capitalista, destaca como tendência desse campo de estudos a necessidade de análises integrativas, nas quais os conceitos de poder, ideologia, desigualdade e heterogeneidade são centrais para permitir estudos mais complexos com foco nas pessoas que, até então, não encontraram voz nos registros formais.

Como apontam Furini e Góes (2006, p. 35), “identificar as inter-relações entre ideologia e espaço geográfico permite superar possíveis desencontros na relação sujeito objeto, além de possibilitar abordagens com um maior grau de aprofundamento teórico”.

Baseado no aumento da produtividade e na eficiência, o método gerencial de Ford gerava impactos na saúde física e mental dos trabalhadores. No caso das vilas operárias de Fordlândia e Belterra, a interferência direta do fordismo ultrapassava os limites da indústria, transpunha a área da plantação e alcançava as relações interpessoais — tanto no trabalho como no convívio. Noções de controle, disciplina e higiene poderiam ser refletidas nas casas e nas demais estruturas que compunham a paisagem das vilas industriais.

Para responder ao problema exposto, faz-se necessário buscar ferramentas que permitam a reflexão sobre a construção do espaço urbano e a percepção sobre as forças que representam as relações entre o lugar e o cotidiano e que podem revelar “os usos contratados do mesmo espaço segundo as diversas perspectivas que se abrem aos diferentes atores” (Santos, 2008, p. 15).

Como exemplo desse tipo de análise na arqueologia, Leone (1984), ao pesquisar sobre a ordem na composição da paisagem do

jardim projetado no século XVIII por William Paca, político influente norte-americano, observou símbolos que o colocaram a refletir sobre as contradições existentes entre o desejo pela liberdade e a realidade da sociedade escravista em que Paca estava inserido e na qual atuava como protagonista. O jardim projetado como um lugar para pensar não era passivo, e sim a expressão de uma ideologia em que os objetos e as plantas poderiam ser vistos como chaves para exemplificar o passado, sendo utilizado como precedente para controlar o presente e, com isso, garantir os interesses dos grupos que controlavam os instrumentos de poder.

Em perspectivas análogas ao exemplo do estudo de Leone (1984), Zarankin (2002) analisou a relação da instituição escolar pública de Buenos Aires com o sistema de poder capitalista para interpretar os discursos não verbais por trás das estruturas escolares. Já McGuire (2018) buscou compreender como a elite do condado de Broome, no estado de Nova York, utilizou a paisagem para reforçar e naturalizar sua visão de mundo.

Como buscaremos demonstrar, as semelhanças e diferenças entre as paisagens industriais criadas e modificadas de Fordlândia e Belterra sugerem que a ideologia capitalista foi transformada visando a manutenção dos modos de vida fordista nos dois locais. Almeja-se compreender como esta foi assimilada, negociada ou negada pela classe de trabalhadores e trabalhadoras da Companhia Ford, e perceber como esses processos contribuíram para a formação das memórias que a população local ainda guarda sobre esse passado.

A transformação das paisagens industriais: entre (des)encantamentos e a plantação racional

Os estudos em arqueologia histórica desenvolvidos a partir da “intertextualidade das fontes” — do processo de levantamento, uso, a análise e interpretação do arquivo, composto por registros escritos,

fotografias, desenhos, mapas, fontes orais, vídeos e materiais arqueológicos — precisam ser reiniciados a cada novo sítio ou projeto de pesquisa (Beaudry, 2017).

Para Beaudry (2017), o diálogo entre os textos e os artefatos pode ser um processo desafiador, percebido nas limitações de acesso aos documentos, seja pelo tipo de suporte em que foram produzidos, interferindo em sua conservação, seja por se considerar que há muitas áreas da vida que não foram capturadas por textos escritos ou que não foram registradas devido à “disseminação desigual da alfabetização”, que, ainda no presente, impacta a escrita e a manutenção das relações de poder.

De acordo com Pauls (2006), o espaço e as relações espaciais sempre ocuparam importantes papéis nos estudos arqueológicos, em que estudos descritivos podem trazer informações sobre a relação de grupos de artefatos e áreas de trabalho e habitação, ou sobre a relação entre grupos de casas e uma cidade, redes de comércio ou de fronteira. Nesse caso, como defende Lima (2011), a paisagem, produzida e modificada pelos indivíduos, também se modifica e provoca mudanças nas pessoas e, enquanto objeto de estudo arqueológico, pode evidenciar a produção e a reprodução das relações e comportamentos.

Dos mapas descritos previamente, a escolha por informar, enfatizar e camuflar determinados lugares pode nos proporcionar interpretações interessantes sobre as paisagens de Fordlândia e Belterra.

Considerando que as tratativas relacionadas às concessões de terras da área de Belterra ocorreram no ano de 1934, surpreende que, em janeiro de 1938, momento da última atualização do mapa descrito no tópico anterior (CFIB, 1938), não ficou evidente nenhuma das estruturas projetadas ou já instaladas pela Companhia Ford, mesmo aquelas relacionadas ao setor industrial.

Costa (1981) descreveu que uma parte das estruturas de Belterra foi construída a partir de 1938, como as escolas, que teriam sido

construídas entre 1938 e 1944, e o hospital, datado de 1938.

Sobre as estruturas básicas, como o sistema de comunicação, abastecimento de água e fornecimento de energia elétrica, não foram identificados dados sobre o período da sua instalação. Por outro lado, há informação sobre a instalação, no ano de 1937, de quase quarenta quilômetros de estradas para viabilizar o transporte (de pessoas e produtos). Essas estradas orientam e organizam até os dias atuais o movimento e a configuração da cidade e mantêm, entre as Estradas 1, 4 e 8, suas atividades principais (Figura 6).

Essa diferença nos mostra que Fordlândia foi construída valorizando o projeto urbanístico de modernização e de progresso, em associação com o discurso predominantemente difundido de território selvagem a ser controlado, higienizado e povoado ("A Fordlandia", 1931; "A Fordlandia causa", 1931; "O conforto proporcionado", 1931; "Touring Club", 1934). Por outro lado, em Belterra nada parecia ser mais relevante do que a "plantação/povoamento racional" (Bernardes, 1938; Jornal "Navios para a bacia", 1945), sob um viés científico ocidental e detalhado em cada nova quadrícula que avançava e ganhava uma nova cor no mapa da Companhia Ford (Figura 5).

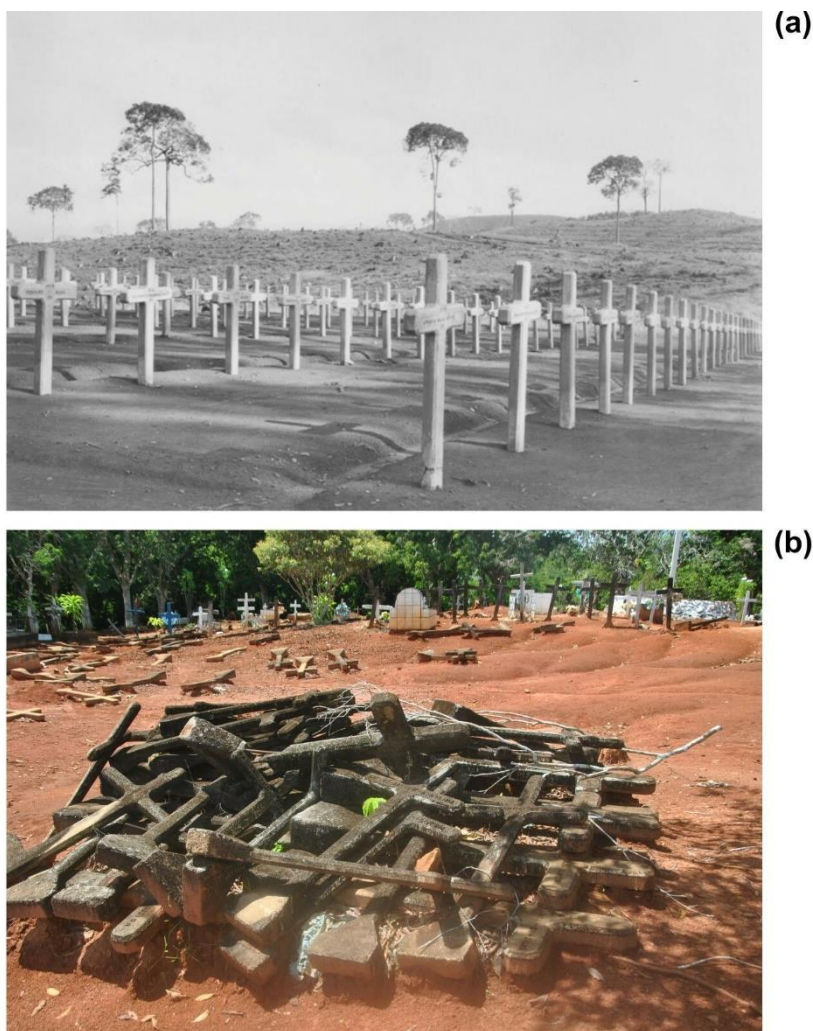
O "acampamento temporário", localizado na estrada para Sumaúma (Figura 5), parece ser a única marcação que pode fazer referência às instalações da companhia, necessitando, contudo, de verificação. Já o cemitério, documentado no limite sul da quadrícula 34 (próxima à Estrada 5), não é o mesmo do período da companhia Ford e utilizado até os dias de hoje, que, por sua vez, está localizado às margens da Estrada 2 (Figura 6).

O cemitério que faz referência ao período da Companhia Ford em Belterra, ainda em uso, mantém ordenadamente os sepultamentos do período da companhia em cruzeiros feitos em madeira, nas quais, com muito esforço, por já terem sofrido os processos do tempo, ainda é possível identificar uma ou outra inscrição.

Já no cemitério de Fordlândia (Figura 7), também em uso, além

das lápides mais recentes, há diversas cruzes feitas em material resistente (concreto), gravadas com nomes e datadas da década de 1930, muitas delas retiradas e empilhadas sob a sombra de uma árvore, ou em um “amontoado”, esperando serem recolhidas e esquecidas. É um cenário que parece combinar com o imaginário de uma Fordlândia como “cidade fantasma”, mesmo que ainda viva e ocupada.

Figura 7 – Cemitério de Fordlândia



Fonte: (a) – Henry Ford Archives, 1930; (b) – registro feito por Daniela Ferreira, 2019

das construções do núcleo urbanizado, nos povoados do entorno, consta a identificação das estruturas, o que nos possibilita questionar se, no período de elaboração deste mapa, o interesse maior da companhia seria antes controlar mais os possíveis avanços e acréscimos nessas localidades do que registrar o que já poderia estar projetado, ou em construção, na área por eles urbanizada.

Em Fordlândia, fora da área urbanizada, do mesmo lado do rio, ao menos dois povoados não estruturados pela companhia seguiam como moradia para a população que não havia acessado as construções do projeto: Pau d'Água e Cauassuepa. Conforme mostra a tabela desenhada no mapa de Fordlândia (CFIB, 1936), estas deixaram de estar apartadas e passaram a compor o levantamento da empresa (Figura 3).

Ao contrário de Pau d'Água e Cauassuepa, o Tapajós, entre aproximações e distanciamentos, era via, mas também fronteira — uma “muralha” que se dissipava entre o que estava sob os domínios da Companhia Ford e o que estava fora. Em matéria do jornal *O Globo* (1932, p. 3), identifica-se a intervenção do Estado, a partir de um pedido da Companhia Ford, para a destruição de “300 e tantas barracas existentes no rio Tapajoz, perto da Fordlandia”, que, apesar de ficarem “fôra das terras da concessão”, facilitariam a “venda de bebidas alcoólicas”.

A polícia, enquanto aparelho ideológico de um estado controlado (Althusser, 1971), naquele contexto, se manifestava sustentando os interesses da companhia de forma arbitrária e ostensiva, mesmo no momento de lazer da classe trabalhadora. Como relatado em um “caso de polícia” publicado no *A Gazeta (SP)* (1932), o delegado regional de polícia local prendeu, em flagrante, o árbitro de um jogo de futebol após este marcar uma penalidade da qual a autoridade policial discordava.

Diferentemente do campo de futebol onde aconteceu o episódio de Fordlândia, as áreas de lazer da Vila Americana estão claramente

desenhadas no mapa e na planta descritos para este artigo: quadra de tênis, campo de golfe e área com piscina. Já para a classe operária, os lugares de lazer só ficaram mais evidentes durante a pesquisa de outros documentos que apresentavam a descrição da cidade operária (Fidesa & IPHAN, 2010; Grandin, 2010; WGN,1932) (Figura 4).

No projeto de desenvolvimento daquela área do Tapajós idealizado pela Companhia Ford, o sistema de tratamento e distribuição da água pelas casas e indústria era um ponto alto nas descrições elogiosas dos viajantes de Fordlândia e em matérias publicadas sobre o projeto entre 1929 e 1931. Esse destaque fica evidente tanto pelo posicionamento da caixa d'água, ao lado da área industrial, como pelo seu desenho, também verificado no mapa da Ford (CFIB, 1936) (Figuras 2 e 3).

Já em Belterra, para além da sua função primeira, a caixa d'água ainda abriga a sirene que despertava a classe trabalhadora para cumprir suas funções no período da administração Ford (estrutura identificada pelo número 9, na Figura 6).

Assim como aborda Thompson (1998), o relógio, representado na sirene de Belterra, era utilizado como instrumento para sincronizar o trabalho e diminuir as irregularidades verificadas nas relações de trabalho antes da industrialização. Assim, ele serviu para transformar o tempo em moeda, o que, por sua vez, quando controlado em ritmos coletivos, poderia elevar a moral dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, serviu para disciplinar as operações de trabalho e controlar a vida da comunidade, dentro e fora do ambiente da empresa.

A sirene de Belterra ainda hoje é rigorosamente ativada nos mesmos horários de trabalho de outrora, como lembrança da materialização, no presente, da "ideologia do tempo" que, "no capitalismo corta a atividade diária em fragmentos que parecem mais racionais e, portanto, mais controlável" (Leone, 1984, p. 26).

A topografia irregular de Fordlândia, permite(ia) pontos de visibilidade e invisibilidade, a depender do local de onde parte a visão

(Figura 8). Do rio, principal acesso da vila desde o período da Companhia Ford, a área industrial e a caixa d'água ocupam lugar de destaque na planta e na expressão de Fordlândia. No registro feito pela missão de Rondon da parte de trás da serraria ("Fala-nos sobre a Fordlandia", 1929), a vista para o Rio Tapajós evidencia que daquele local era possível acompanhar qualquer movimento que houvesse no rio, a via principal.

Figura 8 – Vista da área industrial para o rio Tapajós (a) e vista de Fordlândia desde o rio Tapajós (b)



Fonte: (a) – "Fala-nos sobre a Fordlandia" (1929); (b) – registro feito por Daniela Ferreira (2019)

Diferentemente de Fordlândia, Belterra, construída no alto do platô, mantém, das estruturas construídas até a plantação, uma horizontalidade neutra. Na planta plana da cidade operária (Figura 9), as estruturas, das maiores até as menores, não se sobressaem à altura das plantações da "hevea". As distâncias, mesmo que em linha reta, ainda impressionam. Mas da Vila Americana, a vista para o Tapajós continua vigilante.

Figura 9 – Registro de uma das estradas de Belterra, evidenciando sua topografia plana



Fonte: Osvaldo Góes (1939), disponível em Pereira (2012, p. 80).

Os hospitais das duas vilas industriais, referenciados durante o período da companhia como modernos, bem montados e tão estruturados quanto aqueles localizados nas grandes cidades, acabaram ambos sucumbindo ao fogo. Em Fordlândia, permaneceram as ruínas e, em Belterra, lançou-se lugar para a construção de um novo museu. Na área industrial, entre ferrugens e vidros quebrados, os galpões de Fordlândia se mantêm em pé, e as antigas máquinas com inscrições em inglês se misturam com carros em uso pela Prefeitura Municipal de Aveiro, que utilizava as estruturas como uma espécie de

oficina mecânica ou estacionamento.

Já em Belterra, administrativamente emancipada desde 1995, as estruturas industriais e da gerência construídas pela Companhia Ford passaram a compor o acervo municipal e são utilizadas pela prefeitura para abrigar as secretarias municipais.

A escolha dos materiais construtivos e a sua durabilidade podem nos dizer muito sobre o propósito das instalações e dos interesses sobre a sua permanência.

No que diz respeito às moradias, em Fordlândia, muitas das casas já não mantêm as características daquele passado recente. Várias delas foram alteradas para atender as necessidades da população atual e, outras tantas, totalmente demolidas ou em processo avançado de arruinamento.

Em Belterra, ainda hoje, podemos observar várias casas construídas em madeira ou blocos pré-moldados pela Companhia Ford nas Vilas Americana, Mensalista, Timbó e Operária preservadas. Outras já estão adaptadas aos novos usos da população. As 758 casas de palha construídas até o ano de 1940 (Costa, 1981) muito provavelmente são as mesmas que frequentemente ouvimos nos relatos de moradores e moradoras e que estariam dispostas nas Estradas 8 e 10. Ou seja, dentro da estrutura metricamente organizada para essa vila industrial. Não obstante, dessas, em virtude do material construtivo utilizado, não restaram exemplares, cabendo às futuras escavações arqueológicas a possibilidade de trazer mais informações sobre o cotidiano das famílias que habitavam essas áreas.

Voltando ao caso de Fordlândia, as construções em palha aparentemente estavam concentradas no campo, fora da área urbanizada.

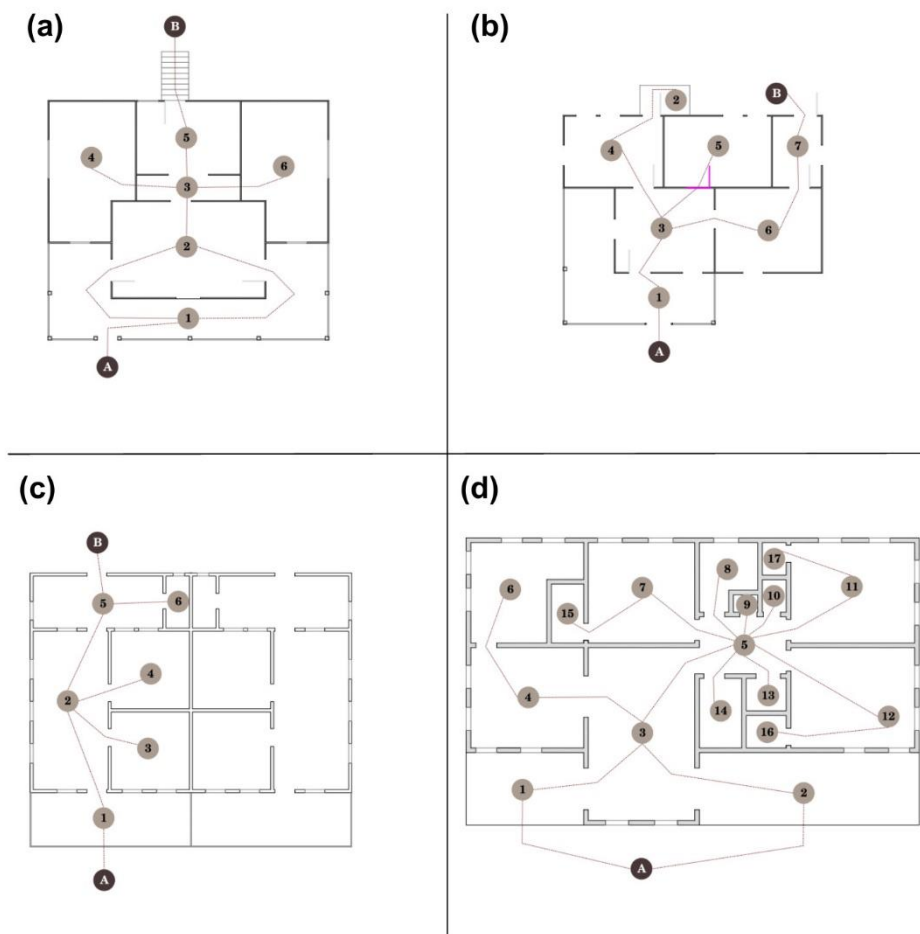
Já na área urbanizada, ao estabelecermos as comparações das plantas arquitetônicas de Fordlândia e do número de aposentos das construções, é interessante observar a Vila dos Trabalhadores do Campo em contraste com uma parte da Vila Operária e com as casas

da Vila Americana (Figura 10).

Nota-se que a quantidade de aposentos da Vila dos Trabalhadores do Campo se assemelha às plantas de quatro aposentos da Vila Operária, uma delas contando com área de circulação e a outra com um banheiro na parte interna. As áreas de circulação (corredores internos) só foram percebidas nas plantas arquitetônicas das casas localizadas na Vila Americana. Já os banheiros, em área interna, foram identificados tanto na Vila Americana como nas casas onde residiam os trabalhadores mais bem remunerados da Vila Operária.

No levantamento Fidesa-Phan (2010), consta que os moradores da Vila dos Trabalhadores do Campo construíram suas próprias casas utilizando materiais menos resistentes. Nesse caso, os trabalhadores do campo podem ter buscado inspiração nas características das casas construídas pela Companhia Ford para os empregados de nível hierárquico e remuneração maior, e, com isso, adaptaram o padrão de distribuição dos espaços às suas necessidades.

Figura 10 – Exemplos das plantas arquitetônicas verificadas em Fordlândia



Fonte: Elaborada a partir das plantas arquitetônicas disponíveis em Fidesa-IPHAN (2010).

Nota explicativa: Na imagem, as plantas (a) e (b) – Vila dos Trabalhadores do Campo; (c) Vila Operária com quatro aposentos identificados pelos números 2, 3, 4 e 5; e, (d) Vila Americana com 6 aposentos identificados pelos números 3, 4, 6, 7, 11 e 12.

Considerações finais

As narrativas verificadas sobre a presença da Companhia Ford no Tapajós (Amorim, 1995; Costa, 1981; Damasceno Neto, 2019; Grandin, 2010; Kluska, 2017; Lourenço, 1999; Pereira, 2012; Pereira, 2016) priorizam, em sua maioria, Fordlândia, sobretudo nos seus primeiros anos. Fazem referência à grandiosidade do empreendimento e às transformações, vinculadas aos ideais de progresso e desenvolvimento que ele poderia provocar, tanto na paisagem como

nas condições de vida da população, percebida como potencial classe operária.

Já sobre Belterra, as informações se limitam, predominantemente, à eficiência da plantação, sendo ainda poucos os relatos associados ao cotidiano da classe trabalhadora, às relações e aos possíveis conflitos com a administração.

Quando estivemos nas duas áreas em um primeiro levantamento realizado no ano de 2019, as comparações entre as paisagens — o velho e o novo, o preservado e o não preservado, o durável e o frágil — foram inevitáveis.

Ao relacionar a análise da paisagem à memória e ao imaginário local,¹² e buscando tratar especialmente sobre as diferenças observadas e já descritas, cabe destaque para o sentimento dos moradores em relação à empresa Ford, que pode, simbolicamente, ser percebido na preservação das estruturas relacionadas ao período da companhia.

Quanto a Belterra, nas conversas com moradores e moradoras é notório o interesse em conhecer o passado local, incluindo aquele associado arqueologicamente aos sítios pretéritos de Terra Preta Arqueológica. Há, contudo, um interesse especial sobre como a cidade teria sido construída “a partir da semente da seringueira”, e que naquele local, “o projeto da Ford deu certo”.

Em visita a Belterra no ano de 2022, Francisco Bezerra Oliveira se identificou como cordelista e se prontificou a recitar um dos seus textos para que ficasse registrado na pesquisa:

No ano de 34... Assim dizia a folhinha.
E o povo da ribeirinha sempre tão incomodado,

¹² Escolhemos tratar pontualmente neste texto de aspectos que remetem à memória e ao imaginário local sobre as experiências vivenciadas em Fordlândia e em Belterra no período de administração da Companhia Ford. Consideramos que não cabe neste texto uma discussão mais aprimorada acerca das temáticas. Contudo, um espaço próprio para tratar essas discussões deverá ser construído em outros momentos da pesquisa.

vendo o navio estrangeiro encostando sorrateiro,
ficou bastante assustado.

Um corsário? Um viajante? Ou um simples comandante querendo comprar comida.

Mas o que ninguém sabia, é que o gringo trazia para o lugar nova vida.

No mesmo dia, o estranho, com entusiasmo tamanho fincou o marco na terra.

Depois, com a demarcação, veio a denominação:

Plantações Ford Belterra.

Em pouco mais de dois anos, os nobres americanos tinham trabalho perfeito.

Para a sua agricultura, fizeram infraestrutura pra ninguém botar defeito.

Fizeram muitas estradas, muitas vilas e moradas para compor sistema.

E o movimento crescia, chegando assim todo dia muita gente e um só lema:

trabalhar, ganhar dinheiro era o anseio verdadeiro de todos que aqui chegavam.

Variadas profissões, entre técnicos ou peões, certamente se empregavam.

E assim, o seringal cresceu de maneira tal que assustou as nações.

Em toda parte se via planta de dupla enxertia... aos milhares... aos milhões.

Feliz, reuniu o povo, e desceu o Porto Novo para no fim de semana fazer compra, namorar, ou simplesmente tomar um trago de boa cana.

Mas... o nobre estrangeiro ao governo brasileiro devolveu o patrimônio.

Entender ainda não pude a razão dessa atitude:

Por que desfez do seu sonho?

Ford deixou Belterra lá pelo sinal da guerra, 45 talvez.

Entregou tudo ao Estado, ficando logo mudado no ano 46.

assim que os brasileiros se tornaram verdadeiros donos da situação, muito fizeram de fato.

Mas deixaram que o mato dominasse a plantação.

Morreram muitos pomares.

E os 8 milhões hectares, sem seringal hoje estão.

Por conta dos empregados, que não tomaram cuidado com sua manutenção.

Hoje temos energia todas as horas do dia com qualidade excelente.

Porém, em contradição, parte da população da rede d'água é carente. (Cordel de Francisco Bezerra Oliveira, recitado para esta pesquisa em março de 2022).

O senhor Francisco, que tem um quadro de Henry Ford em uma de suas paredes, refletiu em sua obra a memória do que lhe cabia sobre a terra que o acolheu.

As contradições entre as duas cidades industriais puderam ser exemplificadas por meio da análise das paisagens e das contradições inerentes ao capitalismo discutidas anteriormente.

Enquanto Fordlândia foi pensada como uma cidade para durar — um projeto industrial e civilizatório a ser modelo para o país —, hoje suas edificações se arruínam. No sentido oposto, em Belterra, há uma movimentação para preservar a paisagem relacionada à companhia, sobretudo a arquitetura norte-americana. Belterra busca reivindicar seu lugar no legado do projeto de Ford, mesmo não herdando o nome do industrial.

Nesse sentido, longe de trazer considerações definitivas, buscamos mediante este texto nos debruçar sobre parte das inquietações. Acreditamos que um olhar arqueológico sobre essas paisagens industriais ainda pode trazer muitas contribuições, e assumimos o desafio de perceber as contradições que correspondem ao contexto, fazendo uma leitura do espaço onde as fronteiras podem ser deslocadas em consideração à multiplicidade de sujeitos e vozes e de perspectivas possíveis para observação.

Referências

1. A Fordlandia causa admiração ao ministro do Trabalho. (1931, 11 de novembro). *Jornal do Recife*.
2. A Fordlandia. (1931). *O Commentario*.

3. Althusser, L. (1971). Ideology and ideological state apparatuses (notes towards an investigation). In Althusser, L., *Lenin and philosophy and other essays*. Monthly Review Press.
4. Amorim, A. T. S. (1995). *A dominação norte-americana no Tapajós*. Editora Tiagão.
5. Beaudry, M. (2017). Documentary archaeology: Dialogues and discourses. In Symonds, J. & V.-P. Herva (Eds.), *The Oxford handbook of historical archaeology*. Oxford University Press.
6. Bernardes, W. (1938, 2 de junho). Rumo a oeste. *Gazeta de Notícias*.
7. Companhia Ford Industrial do Brasil. (1934). *Map of Ford concessions and exploration Trails*. Acervo Digital da American Geographical Society Library.
8. Companhia Ford Industrial do Brasil. (1936). *Fordlandia estatemap*. Acervodigital da American Geographical Society Library.
9. Companhia Ford Industrial do Brasil. (1938). *Mapa da concessão Ford no Plateau de Santarém*. Acervo digital da American Geographical Society Library.
10. Costa, F. A. (1981). *Capital estrangeiro e agricultura na Amazônia: A experiência da Ford Motor Company (1922-1945)* [Dissertação de mestrado, Fundação Getúlio Vargas]. Repositório institucional da FGV. <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/8b2cb267-039f-452c-8339-6e27decfae0e/content>
11. Damasceno Neto, H. M. (2019). *Amazonia, borracha e imigração: O caso Fordlandia (1925-1945)* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório institucional da UP. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/122649/2/356228.pdf>
12. Decollarão hoje, da Fordlandia. (1940, 9 de outubro). *Jornal do Commercio*.
13. Destruio a Villa a Fogo (1932, 6 de fevereiro). *O Globo*.
14. Fala-nos sobre a Fordlandia o general Candido Rondon. (1929, 31 de dezembro). *Jornal do Commercio*.
15. Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2010). *Fordlandia: A colonização norte-americana na Amazônia paraense da primeira metade do séc. XX*. IPHAN.
16. Furini, L. A., & Góes, E. M. (2006). Ideologia e espaço geográfico. *Caderno Prudentino de Geografia*, 1(28), 35-46.
17. Grandin, G. (2010). *Fordlândia: Ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva*. Rocco.
18. Kluska, C. A. (2017). *A educação escolar em Fordlândia-PA e a influência da Companhia Ford Industrial do Brasil: 1931 a 1945* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Oeste do Pará]. Santarém. Repositório institucional da UFOPA. <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/813>

19. Leone, M. (1984). Interpreting ideology in historical archaeology: Using the rules of perspective in the William Paca Garden in Annapolis, Maryland. In Miller, D. & C. Tilley (Eds.), *Ideology, power and prehistory: New directions in archaeology* (pp. 25-36). Cambridge University Press.
20. Lima, T. A. (2011). Cultura material: A dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, 6(1), 11-23. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100002>
21. Little, B. J. (1994). People with history: An update on historical archaeology in the United States. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 1(1), 5-40.
22. Lourenço, E. (1999). *Americanos e caboclos: Encontros e desencontros em Fordlândia e Belterra-PA* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Repositório institucional da USP. <https://repositorio.usp.br/item/001070602>. McGuire, R. (2008). Edificando el poder en el paisaje cultural del Condado de Broome, Nueva York (1880-1940). *Vestigios: Revista Latinoamericana de Arqueología Histórica*, 2(2). <https://doi.org/10.31239/vtg.v2i2.10718>
23. Navios para a bacia amazônica. (1945, 7 de agosto). *O Globo*.
24. O conforto proporcionado pela empresa Ford aos seus operários no Amazonas. (1931, 26 de outubro). *A Razão*.
25. Pauls, E. P. (2006). The place of space: Architecture, landscape, and social life. In Hall, M. & Silliman, S. (Eds.), *Historical archaeology: Studies in global archaeology* (pp. 65-83). Blackwell.
26. Pereira, E. M. (2016). *História das instituições escolares da/na Companhia Ford Industrial do Brasil na Amazônia Brasileira (1927-1945)* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Repositório institucional da Unicamp. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/976311>
27. Pereira, J. C. M. (2012). *Os modos de vida em Belterra: Um estudo de caso na Amazônia brasileira* [Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Repositório institucional da UERJ. <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/8336>
28. Santos, M. (2008). *A natureza do espaço: Técnica e tempo: Razão e emoção*. Edusp.
29. Tenório, F. G. (2011). A unidade dos contrários: fordismo e pós-fordismo. *Revista De Administração Pública*, 45(4), 1141-1172. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122011000400011>
30. Thompson, E. P. (1998); Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In Thompson, E. P., *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional* (p. 267-304). Companhia das Letras.
31. Touring Club do Brasil: A excursão ao Extremo Norte do país: O que ouvimos de alguns turistas: Notas. (1934, 10 de julho). *Jornal do Recife*.
32. Últimas... Guarde-nos o Senhor de cousas assim... (1932, 18 de maio). *A Gazeta* (SP).

33. WGN. (1932) *Fordlandia ou a descrição da cidade maravilhosa que Henry Ford está edificando no interior do Estado do Pará*. Acervo Cultural dos Povos da Amazônia.
34. Zarankin, A. (2002). *Paredes que domesticam: Arqueologia da arquitetura escolar capitalista: O caso de Buenos Aires* [Tese de doutorado, Universidade de Campinas]. Repositório institucional da Unicamp. <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/137011/paredes-que-domesticam-arqueologia-da-arquitetura-escolar-c>.